

SCATENA, Silvia. *In populo pauperum*. La Chiesa Latinoamericana dal Concilio a Medellín (1962-1968). Bologna. Il Mulino, 2007. Nuova serie; 40. 545p.

João Batista Libanio*

Este livro faz parte de uma coleção de textos e pesquisas de Ciências Religiosas em que figuram obras de excelente valor. No prefácio, Gustavo Gutiérrez relembra a importância de Medellín como recepção fiel e criativa do Concílio Vaticano II. 1968 foi ano marcante para a Igreja e a sociedade. Mesmo ao vivermos agora contexto bem diferente daqueles idos, Medellín é-nos memória no sentido de Santo Agostinho: “o presente do passado”, ponto de partida de um caminho. Gutiérrez acena para dois dados. Tanto o Concílio como a realidade latino-americana levaram muitos cristãos a buscarem novos caminhos na promoção da justiça, no testemunho do evangelho e na reflexão teológica. E também se afirmou com força em Medellín o reconhecimento da pobreza, não só como problema social, mas mais globalmente como um dos maiores desafios para o anúncio do evangelho. Gutiérrez considera a pesquisa de Scatena excelente e pontual, seguindo passo a passo as origens de Medellín e sua preparação, compulsando fontes diversas, recolhendo numerosos testemunhos. Mesmos os atores dos eventos de então aprendem muito de tal investigação, conclui Gutiérrez sua introdução. Torna-se obra imprescindível para avaliar o significado de Medellín. Com tal introdução de tão abalizado teólogo, que esteve no coração do evento de Medellín, o leitor se sinta estimulado a recorrer ao texto para ampliar seu conhecimento sobre momento fundamental da vida eclesial da América Latina. Semelhante recomendação veio da parte de Mons. Samuel Ruiz, bispo emérito de Chiapas e renomado prócer da libertação. Assim o texto se vê bem respaldado por conhecedores e protagonistas do processo.

* Doutor em Teologia (Gregoria-Roma), professor da Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), e-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br

Na introdução, Scatena traça excelente, breve e contundente quadro da situação política e eclesial da América Latina, ao mostrar a relação entre ambas, seja nas sintonias como nas oposições, mas, em todo caso, profundamente entrelaçadas. Quando acontece Medellín, a América Latina fervia com golpes e ações revolucionárias. Desde a Revolução Cubana em 1959, a movimentação revolucionária e contrarrevolucionária se chocavam. E no coração de tal tensão, a Igreja, animada pelas aberturas do Concílio Vaticano com as subsequentes tensões, expunha-se a fortes movimentos internos de politização e de reações opostas. A autora salienta a presença de clero estrangeiro de abertura social e de latino-americanos formados em centros europeus socialmente avançados. Explode o fenômeno da latino-americanização da consciência política e eclesial, com a fundação de uma série de instituições de cunho continental, desde a criação do Colégio Pio Latino (1858), a convocação do I Concílio Plenário Latino-americano (1899), passando pela constituição do Celam até a instituição de órgãos e secretariados de universidades católicas, sindicatos cristãos. Nessa efervescência latino-americana acontece Medellín.

Tem-se escrito muito sobre o significado teológico, simbólico de Medellín para a Igreja da América Latina. Mas, excetuando o estudo de O. Beozzo sobre a atuação do episcopado brasileiro no Concílio Vaticano II, diz Scatena que o esforço de historização desse período da vida da Igreja no continente aparece limitado e insuficiente. O livro pretende suprir tal lacuna. Cobre o percurso da Igreja latino-americana do Concílio a Medellín. Tal percurso encontra no Celam o fulcro institucional da recepção do Vaticano II vigorosamente encarnada na prática pastoral das igrejas do continente. O processo se inicia bem antes do final do Concílio, graças ao empenho antecipado de um grupo de bispos para propiciar a atualização das orientações conciliares na realidade concreta latino-americana. Esse é o tema central dessa publicação. Procurou-se reconstruir e documentar o itinerário desse grupo, na convicção de que a forma peculiar de colegialidade que se exprime em Medellín não se compreende sem a experiência dessa “esquadra de bispos” criada por Mons. LARRAÍN, presidente do Celam de novembro de 1963 até sua morte precoce em 1966 num acidente. Esse grupo foi logo ampliado por uma colaboração sistemática de religiosos, sacerdotes, teólogos e leigos. Tornou-se então foco da assimilação seletiva e criativa da atualização conciliar em relação com outros sujeitos individuais e coletivos. O foco da pesquisa se põe sobre a atuação do Celam, especialmente por tal órgão representar um observatório

privilegiado e um elemento fundamental catalisador do processo eclesial mais amplo de que Medellín representa um produto e uma clara expressão.

Atende-se também aos microprocessos dos diversos sujeitos que se movem em escala continental, as reuniões informais de Roma organizadas por D. Hélder. Sob a gestão de Mons. LARRAÍN, deu-se verdadeira refundação do Celam, com sistemático recurso às análises da sociologia religiosa, que questionaram a pastoral até então praticada e estimularam o começo de uma reflexão teológica autóctone.

O livro se ateu a alguns momentos pouco conhecidos da preparação longa e árdua de Medellín: os encontros episcopais promovidos entre 1966 e 1968 por alguns departamentos do Celam. Deles resultaram a participação e confirmação de novas práticas pastorais, o amadurecimento de alguns conteúdos importantes de Medellín, a criação de uma rede de relações entre assessores e bispos, que não passavam de uma minoria no interno das conferências. Captam-se assim as inquietações de setores da Igreja, o esgotamento da temática do desenvolvimento e a irrupção estudantil de 68, o surgir da discussão sobre a violência revolucionária, a presença de setores significativos do catolicismo continental, que começa a falar de libertação.

Não se pode esquecer que todo esse processo preparativo e a própria conferência foram percebidos sob o ângulo da experiência espiritual do Espírito. E as celebrações litúrgicas da assembleia ajudaram a manter vivo tal clima.

Sob essa ocular principal, Scatena desenvolve cuidadoso e exaustivo processo de pesquisa para documentar essa trajetória da Igreja Latino-americana sob a batuta do Celam. No primeiro capítulo, traça a reestruturação do Celam por departamentos sob a égide de Mons. LARRAÍN. E descreve a atividade desses departamentos, dos cursos e institutos que organizaram. Valoriza sobretudo a criação do Instituto Superior de Pastoral Latino-americana. Em todo esse período, avulta a maravilhosa figura de Mons. LARRAÍN e de D. Hélder. Eles conseguiram implantar no Celam a dinâmica do próprio Concílio. Criaram ambiente de liberdade, de discussão, de análise da realidade com a excelente relação entre bispos e assessores. E naqueles idos havia dos dois lados figuras de primeira plana.

O segundo capítulo continua trabalhando a dinâmica do Celam em atitude de revisão permanente. Buscou viver no seu interior o estilo do Vaticano II. D. Hélder resumira-o no fato de ter “habituação os bispos a assumirem posições não em termos de direito e autoridade, mas de responsabilidade e

serviço”. Aprendeu-se no Concílio a atitude colegial que marcará o Celam. E a CNBB tornou-se o eixo essencial da recepção conciliar com suas experiências e planos pastorais. Assim também em outras conferências episcopais surgiram iniciativas pastorais relevantes no espírito do Concílio. Havia, porém, focos de resistência. O impulso renovador afetou organismos eclesiais continentais não sem ligação com o Celam. No Chile, onde o episcopado se mostrou especialmente empenhado na recepção conciliar, a convocação de sínodos foi um sinal. Relevante foi a figura do Card. Silva Henríquez, que reunia qualidade de homem prático, de autoridade, acessível e comprometido no campo social.

Com o desaparecimento precoce de Mons. Larraín, o Celam herdou-lhe a agenda de repensar a relação entre os diversos níveis da colegialidade episcopal – Celam e conferências nacionais – e buscar novo equilíbrio entre a autonomia dos departamentos e as exigências de planejamento de uma pastoral de conjunto continental. O novo secretário geral, Mons. McGrath, desempenha então papel importante para a concretização de tais objetivos. No campo antes teórico, o Celam se propõe pensar uma teologia condizente com a sua linha, ao valorizar a eclesiologia e elementos de análise da situação social do continente. Mais tarde, no famoso encontro em Mar del Plata, outubro de 1966, já se buscou uma superação da ideologia do desenvolvimento, embora sem consegui-lo plenamente. Essa reunião foi o precedente imediato de Medellín. Daí sua importância. A autora descreve com pormenores as vicissitudes da preparação e da condução de tal encontro. Acena para a importância tanto da mensagem de Paulo VI incentivando os bispos a assumirem participação ativa no processo de transformação em curso e nas “sugestões fraternas” de D. Hélder, ao criticar a ideologia do desenvolvimento no sentido de esconder uma relação de dependência respeito aos países capitalistas. O livro traz elementos interessantes sobre a repercussão da presença de D. Hélder em momento de alta tensão política na Argentina e de vigilância romana. Suas ideias marcaram notavelmente o debate em Mar del Plata, comenta a autora. Estamos nos primórdios da teoria da dependência que Fernando Cardoso e Enzo Faletto formularão em publicação do ano seguinte.

Consagrando de certa maneira elementos da Conclusão de Mar del Plata, Paulo VI publica a Encíclica *Populorum progressio*, que adquiriu ampla repercussão no III Mundo. D. Hélder a chamou de “a mais corajosa encíclica publicada até os nossos dias”. A autora continua seu detalhado estudo, ao abordar o Encontro de Buga, em que o tema da educação libertadora esteve

em pauta. Menciona a contribuição significativa de Luiz Alberto Gómez de Souza sobre os principais problemas da educação no continente. Elementos dessa exposição foram largamente assumidos pelo documento final do encontro.

A temática missionária ocupou o final do capítulo. Em Mar del Plata criou-se o departamento para as missões, que se transformou, em breve tempo, em um lugar fecundo de encontro entre o magistério conciliar em assunto missionário e a reflexão teológico-pastoral contemporânea, permitindo uma elaboração teológica original latino-americana sob a presidência do bispo colombiano Valencia Cano. Este fez belo processo de conversão social por força do contato com regiões pobres do país. Termina abordando as dificuldades do Ipla e as atividades do Cidoc de Cuernavaca. Pesavam críticas e restrições sobre este por causa da pessoa carismática, crítica e original de Ivan Illich. A aproximação do Ipla com Cuernavaca suscitou reservas no episcopado latino-americano.

O capítulo terceiro trata da preparação imediata de Medellín no ano 1968. Chamou-o “a hora da sinceridade”. Esperava-se com ansiedade a convocação de Paulo VI. Havia dois anos que Mons. Larraín tinha feito o pedido e depois vieram repetidas solicitações. Já se faziam implícita preparação e tratativas meândricas com Roma sobre a estrutura da conferência. E chega, numa reunião já de preparação para Medellín, a 21 de janeiro de 2008, o telegrama de Mons. Samoré anunciando o envio da carta de convocação oficial da conferência por parte do secretário de Estado. Nessa reunião já se debateram temas como a promoção humana (Poblete), a vida da Igreja como instituição na América Latina (Caramuru) e as tarefas evangelizadoras da Igreja na América Latina (Gutiérrez). No final, confeccionou-se o documento-base como instrumento para iniciar confronto alargado sobre o sentido e as modalidades de presença da Igreja no continente já à base do método ver, julgar e agir. A convocação oficial deu início à fase de consulta aos episcopados. E também as congregações romanas examinaram o documento-base e fizeram observações. A organização preocupou-se também com o espírito da conferência para que se adequasse ao da Igreja do momento, vinculada intimamente à preocupação com todas as classes sociais em estilo de simplicidade e eficácia. A sobriedade devia manifestar-se nas celebrações litúrgicas em sintonia com a metodologia de trabalho. Pensou-se a conferência em três momentos: mentalização movida por cinco relações introdutórias, trabalho das comissões pastorais e assembleias gerais de revisão e aprovação dos textos. O

Celam submeteu-se a cerradas tratativas para a nomeação dos relatores, assessores e observadores. Seguiram-se meses de encontros: de Melgar por uma Igreja missionária e pascal, jornada de estudos sobre o diaconato permanente, reunião de Salvador na Bahia sobre o subdesenvolvimento como fato social global e a exigência de uma teologia comprometida.

Nesses idos vivia-se pesada contingência histórica. Constatava-se a falência dos reformismos e da doutrina da segurança nacional. A Igreja latino-americana encontrava-se entre a violência institucionalizada e a violência revolucionária.

Paulo VI anuncia sua vinda ao Congresso Eucarístico Internacional de Bogotá. Por trás do Congresso Eucarístico e da viagem papal se escondiam divergências e contrastes em quente contexto político e no meio da contestação juvenil generalizada. Acontece a publicação não autorizada do documento de trabalho pelo Jornal **El Tiempo** de Colômbia. Este fora pensado como um texto reservado para uso exclusivo dos membros da conferência. Uma vez publicado, foi recomendado ao estudo de grupos, organismos, leigos. O debate sobre o documento de trabalho cruzou com o sobre a viagem de Paulo VI no contexto do Congresso Eucarístico. O Papa era consciente da possível instrumentalização da viagem por parte da manutenção do *status quo*. Deu sinais de não aceitá-la, ao programar encontro com os camponeses, visita à paróquia pobre de Bogotá e ao pedir simplicidade no ato de abertura da conferência. Antes de viajar, porém, fez alocação onde se mostrava compreensivo com a tentação da violência, mas se distanciava de tal solução. A autora termina o capítulo com uma referência à semana internacional de catequese de Medellín numa perspectiva de catequese situada e evangelizadora.

Em capítulo menor, concentra a atenção sobre o evento de Medellín. Cognomina-o “o pequeno concílio”. Esse já é um tema mais trabalhoso. Comenta as palavras do Papa, que o bispo de Riobamba resumiu: “mudança, mas sem violência”. Depois da inauguração em Bogotá, os bispos se dirigem a Medellín. Os participantes somavam 250 pessoas. Analisa as falas iniciais, descreve a ambientação. Depois de certa desorientação no começo, a atmosfera do seminário de Medellín se tornou simples e fraterna.

Para criar clima de reflexão e discussão, contribuíram as conferências dos relatores e em seguida os sete seminários de estudo, presididos pelos próprios expositores. Para não alongar ainda mais a recensão, indico os pontos abordados no resto desse quarto capítulo: o trabalho das comissões, as questões mais

debatidas, as áreas de resistência, a opção por um documento composto do conjunto dos 16 textos integrais como sairão dos grupos de trabalho, a votação dos textos, a consagração do método ver-julgar-agir, a articulação salvação e libertação, evangelização conscientizadora e descentralização das estruturas paroquiais, a opção pelos pobres. A presença ecumênica foi importante, mas ficou a dor da não hospitalidade eucarística.

Um pequeno e último capítulo, à guisa de conclusão, traça o retrato da Igreja latino-americana como “pobre, missionária e pascal”.

Em nível de documentação extremamente detalhada, bem elaborada e interpretada, esse livro torna-se fonte imprescindível para conhecer os bastidores de Medellín. As afirmações genéricas e programáticas, que se fazem sobre a conferência episcopal, recebem embasamento e inteligência até então insuficiente e parcial. Impressiona a capacidade de pesquisa da autora, que penetrou meandros eclesiais e conseguiu acumular fantástica documentação, que nos faz reviver os cenários anteriores e concomitantes à Conferência de Medellín. Permanece fonte de informação inesgotável a saciar-nos o desejo de conhecer melhor esse momento importante da vida da Igreja latino-americana.